

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

62) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JULHO 7, 1838



RELIGIOSO GREGO.

ARCEBISPO GREGO.

DE TODOS os scismas, que teem occorrido na igreja christã, o maior foi o que a dividiu em duas distinctas, grega, e latina. Começou pelos annos de Christo 854, em tempo do imperador Miguel de Constantinopola; desde então ficou o imperio do Oriente seguindo os dogmas e ritos da igreja grega, e o do Occidente os da igreja latina, ou romana. Actualmente que o imperio do Oriente está em mãos mahometanas, a Grecia e as ilhas do Archipelago, os gregos da Asia menor, e os russianos, são os que formam a igreja grega, com seus patriarchas independentes. Destes o de Constantinopola tem o tratamento de *Vossa Sanctidade*. Os pontifices romanos teem por varias vezes tentado a união das duas igrejas; mas, ou por passos impolíticos da sua parte, ou pela antipathia que teem com elles os christãos orientaes, por pouco tempo o poderam conseguir; e a scissão está tão distincta, como a muito mais moderna do protestantismo.

Os gregos adoptam os credos de Sancto Athanasio, e do Concilio de Nicea, como pontos cardaes da sua fé, á excepção de que na doutrina da Trindade admittem que o Espirito-Sancto procede unicamente do Pae, allegando que as palavras *e do Filho* foram uma interpolação mettida pela igreja de Roma. Admittem tambem a invocação da Virgem e dos sanctos, e destes teem centenaes no seu calendario. Prohibindo a introdução d'imagens em vulto nos tem-

VOL. II.

plos, consentem todavia a representação dos varões sanctos, em paineis; e dizem os seus advogados, que não é para objecto de culto, mas para exemplo e imitação de uma sancta vida. Infelizmente elles tributam ás imagens uma veneração muito proxima da idolatria, apesar de a não auctorisarem os cathecismos das suas escholas; assim como a doutrina pura da igreja romana não tolera o culto absurdo e supersticioso, que a maior parte do povo dos paizes catholicos tributa ás reliquias, e figuras dos sanctos, mas que tem permanecido alimentado pela ignorancia, ou pelo interesse de sacerdotes pouco conspicuos.

A igreja grego-russiana admittre, mas com ceremonias especiaes, os sete sacramentos, e a missa: e a celebração desta é feita com pão fermentado, e um ritual muito prolixo. O dogma da presença real está universalmente admittido, ainda que se repute uma innovação do seculo 16.^o Desapprovando a crença do purgatorio, por uma incomprehensivel anomalia fazem preces pelos defunctos, como [dizem os desta communhão] *um costume velho e louvavel*.

O seu clero divide-se em duas classes distinctas, regular, e secular; a primeira comprehende os religiosos ou frades, e as dignidades ecclesiasticas, a segunda o sacerdocio parochial e celebrante; ambas debaixo da jurisdicção d'um synodo, do qual na Russia se apella só para o imperador, como cabeça da igreja. Antes do reinado de Pedro o Grande, o po-

der deste synodo era exercitado pelo patriarcha, mas aquelle monarcha aboliu a dignidade pontifical, em consequencia de arrogarem os que a possuíam taes prerogativas, que invadiam as attribuições da soberania.

Os regulares depois de passarem por tres graus, que poderemos chamar tres noviciados, subdividem-se em cinco classes; a dos diaconos, e a dos padres, que de ordinario officiam no serviço quotidiano dos templos monachaes; a dos priores dos conventos pequenos; e a dos archimandritas, que presidem aos grandes mosteiros, ou abbas: a ultima classe inclue as altas dignidades da egreja, comprehendendo os metropolitanos, arcebispos, e bispos. Estas distincções honorarias são meramente pessoas, e dão mui pouca auctoridade local exclusiva, excepto a que lhes compete *ex officio* sobre as escholas espirituas das suas respectivas dioceses.

A gravura, que ajunctamos ao presente artigo dará uma idéa do trajo dos religiosos, e representa o arcebispo com as vestes solemnes no acto da benção. O castiçal de tres velas denota a Trindade, e o de duas significa as duas naturezas, divina e humana, do salvador do mundo. Assim todas as ceremonias deste rito teem sua interpetração mystica.

A sciencia deste clero é nulla, mas todos professam vida muito austera. São elibatarios, é-lhes prohibido todo o sustento animal, e vivem mui retirados. Os seus diminutos estudos limitam-se a materias da sua profissão, especialmente connexas com as doutrinas da sua communhão. Notaremos que ninguem é admittido a religioso ou frade sem 30 annos d'idade, e que nenhuma noviça toma o veu de freira antes dos 50 annos. Quanto aos jejuns rigorosos, e ás quatro quaresmas, que observa a egreja gregoriana, já démos sufficiente noticia, tractando dos costumes do povo da Russia em o N.º 55.

O SEculo — EDUCAÇÃO — ASYLOS DE PRIMEIRA INFANCIA.

SE no mundo tem havido cousa contradictoria por excellencia, e se excellencia se póde dar na contradicção, a este seculo cabe, nessa parte, a primazia. Quem daqui a trezentos annos se atirar ao passado em busca de uma epocha, em que o ente moral *homem* appareça infinitamente variado, onde o crime e a virtude, a nobreza e a vileza de animo, o valor e a cobardia, a religião e a impiedade se cruzem, e misturem inextricavelmente na mesma nação, na mesma cidade, e até no mesmo individuo; quem, repetimos, buscar uma tal epocha, encontra-la-ha, sem duvida, nesta em que vivemos, e por ventura nella sómente. Facil é de achar a rasão de semelhante phenomeno. Como Jacob e o Anjo, o genero-humano, dividido, lucha comsigo mesmo uma lucha mysteriosa. As batalhas por esse mundo pelejadas, e cujo estrondo de tiros e golpes ouvimos diariamente soar, são brincos de infancia comparadas com as que entre si disputam os entendimentos: naquellas, os soldados vão diminuindo, as victualhas escaceando, as armas quebrando-se, o dinheiro desaparecendo: nestas pelo contrario, quanto mais acceso anda o combate, mais os animos dos contendores se incitam; maior numero de voluntarios se alistam debaixo das diferentes bandeiras: suppondes que uma opinião, uma seita, um partido vae aniquilar-se: enganaisvos: lá se alevanta uma intelligencia desconhecida, e estende a mão soccorredora aos que pareciam vencidos. Um livro, muitas vezes, como a enorme pedra arrojada por Heitor contra os vallos do arraial gre-

go, vem dar a victoria aos que se defendiam a custo: os antigos, sem exceptuar os policiados barbaros, chamados romanos; as mesmas nações modernas fóra da Europa, não comprehenderiam, por mais que tentassem explicar-lho, o effeito, que nesta parte do mundo, hoje póde produzir um livro. Com *Werther* cubriu Goethe a Alemanha de suicidios; com a *Mania do Sentimento* os fez elle proprio desaparecer. Schiller com os *Salteadores* despovoou as universidades, e povoou os bosques de ladrões heroicos. Lamennais, com as *Palavras d'um crente*, naturalisou as revoluções nos animos populares: com os seus escriptos religiosos assentou o throno papal sobre columnas de bronze, e depois, irado contra a sua obra, indignado com affrontas e ignorancias, desfez as columnas, como se fossem de barro, e alluiu o throno de nove seculos, como se fosse de um dia. Assim a mais leve e mais fragil cousa do mundo — uma penna — faz e desfaz instituições, costumes, crenças e opiniões. Para os politicos era absurdo e impossivel o estado no estado, um poder independente da sociedade no meio della: todavia este seculo tem visto realisar esse impossivel. Tractam muitas vezes os cabeças da republica com o homem da *omnipotente escriptura*, para que os não derrube, para que não revolva as turbas, como a tempestade revolve as vagas do oceano: do gabinete, as mais das vezes pobre e desordenado, daquella a quem Deus deparou, em vez de ouro, o enghenho, sae o conspirador, que foi pedir um brado a favor da revolta, e entra o ministro, que vae pedir outro brado a favor da tranquillidade publica; e o homem dos terrores atira á ballança do entendimento, para um lado a sua consciencia, a sua ambição para o outro: então, Deus o tenha de sua mão; porque grandes males, ou grandes bens póde fazer esse papel, sobre que elle vae escrever ou benções ou maldicções.

Esta influencia, que teem nos actos humanos as idéas escriptas, dá cabal razão das luctas e contradicções do seculo: as incertezas, em que se vae revolvendo a geração actual, são o resultado dessa influencia. Por mil livros passa um pensamento, e em cada um delles é visto a diversa luz: falso o achou este, verdadeiro aquelle: um o teve por damnoso, outro por utilissimo: e depois mais dissertadores vieram; e dando-lhe mil voltas, o vestiu cada um e adornou por tal arte, que servisse a seus intentos: e esses mil livros passaram pelos olhos de um só homem, e este accreditou que tinham razão ou vinte, ou cem, ou todos. Então o seu entendimento, accetando essa idéa com as condições, que lhe impuseram mil intelligencias, assemelha-se ao prisma, que, sem côr propria, reflecte todas as côres da luz: assim o scepticismo, commum neste tempo, é continuado, não simultaneo; isto é, crê-se agora, e não se crê logo; sustenta-se e impugna-se uma proposição, ou um principio, dentro do mesmo dia, dentro da mesma hora; em ambos os casos com uma especie de convicção, a que chamaremos de reminiscencia: pensamos, neste momento, como tal livro, que lemos; daqui a pouco pensaremos como outro, que tambem lemos. No geral dos espiritos nenhuma verdade e nenhum erro estão profundamente gravados. Dahi resulta que as idéas moraes são subordinadas á utilidade individual: esta é a convicção unica profunda do commum dos homens: as suas acções, apparentemente generosas, o seu entusiasmo, o seu fanatismo, tudo vae bater no alvo do proprio interesse: porque para apagar remorsos lá estão philosophias; para desculpar licenciocidades lá estão exaggeradores da liberdade; para santificar superstições lá estão embusteiros religiosos. Nem tenhaes receios; nenhuma de vossas acções dei-

xará de achar uma voz que a favor della se alevante, um livro onde já esteja ou defendida, ou desculpada. O filicidio commettido pelo velho Bruto achou defensores: achou-os o parricida Marco Junio: teem-nos achado todos os criminosos illustres, e todos os crimes em que alguém tenha interesse.

Os absurdos e os paradoxos moraes não eram perigosos, em quanto andavam só por escholae e disputas de sabios; mas esse alimento corrupto foi offerecido aos engenhos vulgares; e cada vez o será com maior abundancia. E assim é necessario aconteça, para que a civilisação progrida e se derrame: nenhum meio ha de instrucção popular senão a leitura; porque o homem da vida activa, nem quer, nem póde meditar: cumpre que lea. E que é o ler, no seculo actual? E' assistir a uma lucta de gladiadores desconhecidos, em que ora nos interessamos por um, ora por outro. Por tal modo se irá derramando o scepticismo entre o povo, com a luz da instrucção: este se despirá pouco e pouco de superstições, de erros, de preconceitos: mas a sua vida intima se tornará pallida e cansada e aborrida. Elle participará tambem dessas horas eternas de tedio, que devoram aquelles a quem por vocação coube o estudo, e, por consequencia, o duvidar continuo: elle será mundificado de ignorancias; mas não será rico de virtudes, nem de paixões generosas. — Pobre povo, mal sabes tu á custa de quantos gosos interiores, de quantas esperanças, de quantos sonhos formosos, has-de ir comprando os progressos e a civilisação!

E não haverá meio algum para que esta filha dos seculos se incarne nas multidões, sem que ellas para a acolher no seio arrojem de si a sua crença, as suas virtudes grosseiras, a sua confiança em Deus? — Não haverá um bem, que nos venha puro e estreme, sem mescla de depravação? Não se poderá nunca approximar a creatura do creador pelo lado da sciencia, sem que delle se affaste pelo lado da bondade e da virtude? — Terrivel condigão da humanidade fôra, que a civilisação, pulindo a intelligencia do homem, lhe corrompesse ao mesmo tempo o coração. Felizmente Deus que inspirou ao genero-humano a sociabilidade e o desejo do aperfeiçoamento, pôz na sociedade o remedio para os males que deviam resultar da imperfeita sciencia, unica possivel no desterro do mundo. Na mesma natureza do nosso espirito está esse remedio contra o scepticismo, e contra as suas precisas consequencias, o egoismo, e a immoralidade.

Dissemos ha tempos, tractando da necessidade de aviventar o christianismo, que ao nosso coração repugna a falta de toda a crença e de toda a fé. Repetimo-lo hoje; repeti-lo-iamos um milhão de vezes, se tantas fosse possivel. — Não ha entendimento algum que não formule as suas idéas negativas [se não tem outras] em idéas positivas. Pensaes vós que o Atheu diga — não creio em Deus — e fique tranquillo? Não. Elle reduz este medonho pensamento negativo, que o faria desfallecer, em outro positivo, e diz — creio que o mundo póde existir sem um principio absoluto — creio a materia e o movimento eternos. Elle accredita cem absurdos para não acreditar a verdade: mas crê: porque a crença é uma das condigões da nossa existencia intellectual. Esta condigão é a que póde salvar, é a que salvará o genero-humano, se os regedores dos povos a quizerem aproveitar, e se tiverem bastante philosophia para não serem philosophos.

Mas, dirá alguém, como se ha-de aproveitar essa tendencia dos entendimentos, se ahí estão os livros, e mais que tudo os jornaes, construindo e derubando; civilisando e prevertendo; se as opiniões encontradas, batendo umas nas outras, como as on-

das do mar, só deixam ao de cima, a escuma ou o nada do scepticismo? — Tende mão; que ainda o nosso discurso não está concluido.

Para os homens d'hoje; para esta geração de transições de toda a especie, a crença viva não existe. Como a principio dissemos, as nossas opiniões são todas frouxas; de dia a dia as vamos trocando por outras, que tambem brevemente deixamos, logo que nova idéa nos appareça involta em mais brilhante luz. Indague a causa deste mal; e achareis que foi tão sómente a educação.

O que até aqui temos escripto diz respeito talvez a toda a Europa: o que vamos dizer pertence exclusivamente ao nosso paiz; a este povo portuguez, para quem a maior parte dos seus escriptores só teem lisonjas vis e torpes, ou escarneos crueis, e as mais das vezes não merecidos: a este povo, naturalmente bom, a quem muitas vezes desvairam, e tornam criminoso, para depois o accusarem de crimes.

A educação: sim, a educação foi em Portugal a causa principal — iamos dizendo, a unica — do estado de corrupção moral em que nos achamos. Não sabemos, até, se tal nome merece esse tracto insensato entre as creanças e os seus instituidores, entre os paes e os filhos, a que chamâmos educação. Miudiar os erros, que nesta materia grassam entre nós, fôra objecto d'um livro, não d'um artigo de jornal; nem de bom grado bosquejariamos esse quadro doloroso: limitar-nos-hemos a dizer, que entre nós ensina-se á infancia não o amor, mas o temor: não a fé mas a superstição: não a virtude, mas a hypocrisia. Passa a infancia: chega a puberdade: a indiferença, e muitas vezes o odio, substitue o temor; a incredulidade a superstição; e se alguma coisa fica, é a hypocrisia — a virtude da praça publica, a virtude para o mundo, e não para a consciencia. Em tempos de servidão, o poder absoluto dos reis e ministros era para o homem o que para a creança fôra o pae, o aio, ou o mestre — o temor ficava sendo ainda elemento da vida publica: então o clero continha o povo no aprisco da superstição; e a superstição tambem então se julgava elemento social. Quebradas as antigas fórmas de governo, não por nós, mas pelo seculo, achamo-nos geração livre, com a educação e com todas as reminiscencias do passado: corrompeu-se o povo, não porque a sua indole fosse má; mas porque forçosamente se havia de corromper. Qual é o homem que nascido em ferros, e em ferros levado até a idade viril, se não torne licencioso, restituído de salto á liberdade natural? Além disso, a superstição, com que geralmente se educavam as multidões, veio a juizo diante da nação; e a nação cuspiu-lhe nas faces; porque este é o destino de todas as coisas más em si, e só boas na apparencia. Era, porém, a superstição a religião do povo, e quem de algum modo amparava e aviventava a moral, a virtude, e a vida intima delle: affrontada, amaldiçoada, arrastada já, nas cidades, pelo lodo das ruas publicas, se-lo-ha brevemente pelas viellas e azinhagas das aldeas, e cazaes. Mas o que ficou em logar della nas cidades; o que ficará nos campos? — Nada: porque ella era a crença do povo. E podemos-lhe dar outra? — Não; porque a religião só se estampa na alma durante os tenros annos: se acreditaes nas conversões tardias, podeis crer nos mais estupendos milagres. Já agora esta geração assim irá, até se escoar toda por esses cemiterios. Nossas esperanças e cuidados dediquemō-los á geração futura. E' esta que póde, e deve ser regenerada.

Mas quem nos dará a certeza de que esses, para quem supponmos só possivel a regeneração, chegando á virilidade, não sacudirão de si os principios e as

virtudes, que lhes inculcarmos, como seus paes sacudiiram a superstição? Quem nos dará essa certeza?! A philosophia da historia: a observação dos homens. Inoculae verdades n'um coração virgem, e ellas o acompanharão á sepultura: ainda se lhe ensinardes erros, a custo lhos arrancareis depois; e só voltando-lhe a necessidade de crer para alguma grande verdade, ou para algum principio, que vivamente agite os entendimentos, levareis a cabo semelhante empresa. Se para esta epocha não houvesse a ancia da liberdade, o entusiasmo de combater por ella, no campo, na praça, nos jornaes, na conversação, o povo não teria largado a superstição; e senão, vede se a abandonou aquella porção d'elle, que, asserrada ás ruinas do passado, julga que ainda póde viver uma vida já acabada, e que reprovam as idéas e a tendencia do seculo.

Na educação, e só na educação, está a possível regeneração moral do nosso paiz. Creae uma raça nova; que a actual viverá até o fim com seu incuravel achaque. Curae do futuro. Eis o que nos brada a sã-sudeza, a politica, e a philosophia.

Os nossos maiores, a cuja conta tantas rudesas e ignorancias lançamos, tinham concebido exactamente o que era a educação. Nunca semelhante palavra nos lembra haver encontrado em escriptor algum notavel anterior ao seculo 17.^o — *Creação* lhe chamavam; e realmente o educar bem é assemelhar-se a Deus, é *crear* um homem virtuoso e util, o qual, aliás, poderia ser um malvado. D'ahi vinha que o educando se chamava *creado*: e por ventura a denominação de *amo*, dada ao que educava, a derivavam de amor, meio, em nosso entender, unico, para dobrar ao bom ensino os corações infantis. Se nas linguas, como muitos sabios querem, se revela o estado moral e intellectual das nações, nenhuma linguagem, nesta parte, como a portugueza, diz quão assizadamente pensavam, ácerca da educação, os que a formaram e puliram.

Assentámos a nossa opinião, sobre a necessidade de bem educar a geração futura, em fundamentos que nos parecem solidos. Foi unicamente o que fizemos de novo: quanto á cousa em si, todos concordam nessa necessidade: não ha quem não clame a favor da educação da infancia. Mas que temos feito a bem dellá? — Alguma coisa na verdade. Em differentes bairros da capital vereis letreiros que dizem — *Asylo de Primeira Infancia*. Mas quem vos parece que mandou pintar essas taboas, pregoeiras de caridade, d'amor de patria, e de philosophia? Serão os poderosos? — Não: que esses nas mesas de seus banquetes, nos saráus do luxo e dos prazeres, vivendo só no presente, que lhes importa que uma raça corrompida ou virtuosa passe depois delles na terra? — Serão os politicos? — Não: que a esses mal lhes chega o tempo para se guerrearem e detestarem cordealmente uns aos outros. Serão os philosophos? — Não: que a esses basta-lhes escarnecer de quanto é sancto, e venerando, e secular, em discursos ou escriptos de *rebombo-franco anglo-algaravio*; basta-lhes crerem-se illustrados, porque chegaram á philosophia do seculo passado, e lá ficaram — Mas, direis vós, se não foram nem poderosos, nem politicos, nem philosophos, foram necessariamente homens; que de certo anjos não desceram ao mundo para vigiar pela infancia desvalida. Certo é que os anjos não desceram á terra: mas não ha ahi um ente, bem motejado pela sua ignorancia, um ente a quem no nosso orgulho julgamos inferior a nós; porque combate com lagrymas, em vez de combater com ferro; que responde com submissões a tyrannias; cujo coração nós rasgamos sem piedade, porque as amarguras não lhe vem aos labios e ao gesto tantas vezes,

como vem aos labios, e ao gesto do homem, que se gaba de forte e soffrido? Não existe a mulher, fonte perenne de brandura e de piedade? — Pois sabei que foram mulheres, que estenderam os braços para os filhinhos do pobre: foram ellas que disseram, como Jesu-Christo: *Deixae os pequeninos e não lhes tolhais que venham a mim*: foram ellas as unicas que ouviram o clamor do futuro, e comprehenderam as necessidades do seculo.

Ha tempos que visitámos um desses Asylos, desses institutos de benção, e de caridade. Se experimentámos sentimentos suaves ao considerar a judiciousa ordenança daquelle estabelecimento, os seus motivos, e os seus resultados beneficos, corámos de pejo lembrando-nos de que, em quanto a piedade mulheril fundava os Asylos da Infancia, em quanto mãos debéis trabalhavam por assentar a pedra angular da futura regeneração social, nós os homens, nós os fortes, entregues a paixões de um dia, só curavamos de derribar o passado, e de nos derribarmos uns aos outros, sem nos importar o porvir, e nem sequer o presente: vergonhoso esquecimento na verdade, e de que os vindouros pedirão, sem duvida, estreita conta á nossa memoria.

Nestes Asylos, abrigo da infancia mais tenra e mais miseravel, é extremo o accio, boa a ordem, estricte a observancia do instituto, excellente o systema de ensino: ahi recebem as creanças alimento para o corpo, para o entendimento, e, o que mais novo é em Portugal, alimento para o coração. Pouco havia que entráramos na modesta salla, destinada ao estudo, quando a certo signal da mestra commum, todas aquellas criancinhas ajoelharam, e alevantando as mãos para o ceu, entoaram um padre nosso; era a musica não tanto para os ouvidos se deleitarem, como para se deleitar o coração. — Espectaculo digno de Deus nos pareceu, o ver aquellas duas fieiras de bracinhos erguidos, e no meio dellas uma mulher, em cujo rosto transparecia a tranquillidade da consciencia, como a sacerdotisa de um culto, sem altar, sem ceremonias, sem imagens, sem incensos, mas puro de hypocrisias, e celebrado por corações innocentes.

Ao fim da tarde ainda houve outro canto; um hymno, cujas palavras, quanto podémos perceber, nos pareceram adaptadas áquelles tenros entendimentos. A musica é um dos mais poderosos meios de educação: ella mollifica os corações, e dispõe-os para a virtude: é incalculavel o beneficio que na Allemanha tem resultado deste bello systema.

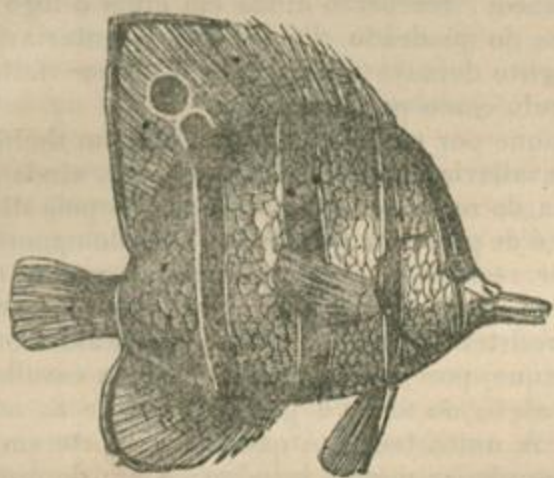
Havia alli, segundo nos disseram, um mestre para as primeiras letras: não approvámos: o homem nunca será capaz de educar criancinhas, porque será sempre para ellas um tyranno. Só a mulher comprehende um coração infantil; só ella com seu carinho póde inspirar-lhe brandura de animo, e fazer nelle pulular o germen da piedade. Temeis acaso que o homem não seja na vida bem duro de coração, bem despresador de lagrymas, bem carregado de aspecto? — Não o receeis: elle passará pelas vossas escholas, pelos vossos lyceus, pelas vossas universidades: elle verá o mundo; e todos os dias se lhe desvanecerá uma dessas suavidades da infancia. Oh! — não receeis por elle!

Estava a sala do Asylo rodeada de quadros illuminados, que representavam *chronologicamente* a historia biblica: estes quadros eram explicados por algumas creanças mais espertas e adiantadas. Grande gosto nos causou o ver que o conhecimento da Biblia já entrava na educação da infancia: preferiríamos, porém, que estes quadros contivessem a historia do Evangelho; e sentimos não nos permittir, nem o espaço deste artigo, nem outras circumstancias, dar a razão da nossa preferencia.

Se tudo nos consolou neste pio estabelecimento; se abençoámos as mãos piedosas que o haviam fundado; encheu-nos de tristeza o saber que já a custo se podia sustentar; porque os meios escaceavam. Os homens se teem mostrado avaros para com esta instituição piedosa. Com a liberalidade poderiam talvez remir o vituperio de terem recebido uma licção de patriotismo, de politica, e de philosophia, daquellas mesmas, que elles julgam alheias a tudo isto. Bem poucos, porém, o teem querido remir. Ninguem escuta nem o choro da infancia, nem as maldicções do porvir; e attentos a afastar de nós a mais leve infamia do presente, pouco nos importa o opprobrio de que nos hão-de cubrir os seculos futuros, quando souberem que não tivemos a mais pequena moeda, para com ella ajudarmos a educação da infancia indigente.

E que ha ahi mais facil do que a beneficencia? Frequentaes os theatros? — Faltae lá uma vez, e guardae para Deus, para a patria, e para a virtude, o preço de uma noite de prazer. Crede-nos: essa noite vos dará um somno mais repousado, um acordar mais tranquillo. Gastaes em assembléas, em festas a vossa riqueza? — Lançae alguns crusados no pequeno cofre da infancia miseravel; que por isso, nem serão menos apparatusas as vossas sallas douradas, nem menos harmoniosas as vossas orquestras, nem menos esplendidos os vossos bailes voluptuosos. Até vós, os que só viveis por furnas de devassidões, podeis sem custo enthesourar algumas consolações para a hora extrema, para a hora dos remorsos, e do suor frio, se fordes depositar, uma só vez no anno, nos Asyllos de Primeira Infancia bem pouco desse ouro, que, durante o mesmo periodo, tantas vezes atiraes ao regaço da prostituição, e á mesa do jogo ou da embriaguez.

Nós a quem a Providencia não concedeu senão escassa herança de fortuna e de ingenho, tirámos de nossa pobreza esta pouca e grosseira escriptura, para que ella seja um brado a nosso favor no futuro; e iremos offerecer á Infancia o óbolo do humilde, para que uma parte das orações de innocentes venham cair sobre nossa cabeça, como benção de Deus. E se o que deixamos escripto mover mais alguns animos á beneficencia, não trocaremos a gloria de o ter feito pelo renome do mais illustre escriptor.



CHETODON ROSTRATUS.

EM TODAS as escalas da organização animal são tão variadas as differenças de configuração; e os habitos e necessidades dos individuos correspondem de tal maneira a esta multiplicidade de fórmulas, que o observador attento e perspicaz não póde recusar seu tributo de adoração á Providencia Infinita, contemplando estas harmonias da natureza, que tanto mais espantam quanto mais se examinam.

A classe dos peixes, tão distincta de todas as outras do reino animal, não é a que menos maravilhas comprehende. Além das fórmulas do corpo inteiramente adaptadas á natação, seus órgãos respiratorios são exclusivamente proprios para o elemento em que habitam, e toda a sua organização interna corresponde ao seu modo de viver.

Numerosissimas são as especies d'individuos, e que constituem esta classe, e já tivemos occasião de fallar d'alguns; porém hoje a nossa gravura nos restringe a tractar d'um singular habitante dos mares dos climas quentes, e que pertence á familia dos chetodontes, distinguindo-se nella pela designação de *rostratus*, isto é, bicudo. Veio-lhe este nome da fórma ahlongada do focinho, que lhe serve optimamente para a manobra, que executa, dando caça aos insectos maritimos de que se alimenta. Quando vê um insecto, que deseja prèar, tão acima da superficie da agguia, que não póde atirar-se a elle, aproxima-se até a certa distancia, enche d'agua a boca, fecha os *operculos* [ou tapadoiros das guelras], comprime rapidamente a sua pequena guéla, e constringendo o fluido a sair com violencia pelo tubo mui estreito que o focinho fórma, faz jorrar esta porção d'agua ás vvezes a seis pés de distancia, e com tanta força, e certteza, que o insecto atordoado cae precipitado no mar, e serve de pasto á gula do seu inimigo. Esta caça é um espectáculo mui divertido para as pessoas ricas de muuitas ilhas das Indias orientaes, que sustentam em grandes vasilhas estes chetodontes, para terem o recreio de os verem arremeçar gotas d'agua contra moscas, que prendem com fios ás bordas das vasilhas em que os conservam. E são tão destros estes caçadores que não erram o alvo.

Os chetodontes bicudos são muito vistosos, porque teem quatro fochas, que lhes cingem o corpo, orladas de branco, e uma grande malha de cor idêntica sobre a barbatana dorsal, sendo a cor geral uma especie de matiz d'ouro, e prata, que se confunde com mais de vinte riscas longitudinaes mui delgadas, e escuras, e que fazem sobresair mais os reflexos metallicos. Estes peixes frequentam as visinhanças das embocaduras dos rios, principalmente nas paragens onde a agua é pouco funda. Pescam-se á rede, ou com anzoes iscados com pequenos insectos.

PORTUGAL. — *Quadro Estatístico-Moral. Scenaes Bosquejos extraídos das observações e tracto dde 30 annos. — Por W. L. de Eschwege. Hamburgo 1837. Parte 1.^a — 1 vol. 12.^o [*].*

VIMOS um exemplar desta obra, que talvez venha a constar de muitos volumes, se o auctor a quizer continuar com a mesma miudeza com que tracta os objectos de que se fez cargo nesta primeira parte.

Precede a obra uma introdução em cartas, a qual, posto que não seja intimamente connexa com a materia do livro, lê-se com summo interesse, por ser escripta com muita daquella galantaria e agudeza, fa que os inglezes chamam *Humour*, de que nos parecem um bom modelo as observações ácerca das luminarias, que em Lisboa se fazem por tudo e para tudo. — Na descripção do caracter e costumes populares, entresachada na ultima carta desta introdução, foi o auctor bastante severo; mas, em nosso entender, verdadeiro.

Divide-se este primeiro volume nos seguintes capitulos. *Situação moral e politica depois da queda de D. Miguel. Modo de alcançar os cargos publicos. Ra-*

(*) Portugal. — Ein Staats- und Sittengemalde in Skizzen und Bildern nach dreissigjaehrigen Beobachtungen und Erfahrungen von W. L. von Eschwege.

toneiros, salteadores, barbaridades, prisões. Estabelecimentos para a civilização do povo, e educação da mocidade. Administração policial. Guerra civil. Vida do Príncipe de Leuchtenberg em Portugal, e sua morte. Ainda que seja de nosso dever o não emittir neste jornal a nossa opinião sobre muitos destes capitulos que tem relação com a historia contemporanea e com os movimentos e partidos politicos do paiz, diremos, comtudo, que a maior parte das vezes as narrações do auctor vão apoiadas em documentos authenticos, e as suas observações nelles fundadas.

Portugal, como bem diz o Sr. barão d'Eschwege, é mui pouco conhecido no resto da Europa. Esta obra escripta por um homem que nelle tem residido trinta annos devia despertar a attenção dos estrangeiros. A nossa litteratura vulgarizada já na Alemanha, pedia que tambem alli se desse a conhecer o povo que produzira tantas obras primas, cuja formosura e bondade innegaveis hão sido até exaggeradas por certa eschola litteraria alemaã. Tem pois o livro além do merito intrinseco o de vir a ponto, devendo em parte a isto a rapida extracção que teve naquelle paiz.

Ainda que, desgraçadamente para os nossos progressos intellectuaes, o estudo da lingua alemaã é entre nós raro, aos poucos que a sabem recommendamos a leitura deste livro, que nos tóca de tão perto.

ARTE MILITAR. — ATAQUE DOS QUADRADOS PELA CAVALLARIA.

ESPECIE alguma de combate tem sido tão estudada como o ataque dos quadrados, e todavia ainda ha que dizer sobre a questão. A experiencia, tão boa conselheira em outras cousas, neste ponto apenas offerece algumas premissas pouco satisfactorias.

Sendo a cavallaria destemida póde contar com a victoria, se tiver de medir-se com infantaria desmoralizada. Pelo contrario, tendo a infantaria intrepidez, até mesmo formada em duas fileiras nada deve temer d'uma cavallaria sem denodo.

Ensina-nos a experiencia que o fogo da infantaria nunca é tão mortifero como parece, e que, por muitas causas, só um pequeno numero de ballas se empregam. Este facto tantas vezes confirmado poderia induzir a cavallaria a precipitar-se ás cegas sobre a infantaria inimiga; mas quiçá terá de combater contra um batalhão aguerrido que não romperá o fogo sem a deixar chegar a trinta passos de distancia: e uma vez escarmentada, conseguir-se-ha della que dê uma carga vigorosa em outro qualquer batalhão? Se a infantaria confiar muito ou mui pouco na efficacia do seu fogo será por certo acutilada e derrotada por uma cavallaria impavida, se esta não se temer das ballas, e desenvolver a actividade necessaria no momento em que romper o quadrado.

Os combates entre a cavallaria e a infantaria apresentam uma serie de phenomenos que convem analysar antes de tractar desta ou d'aquella fórma de ataque ou de defeza. Quasi todos poem mais confiança no fogo da infantaria do que nas armas brancas: ora tractando-se neste artigo do ataque dos quadrados [não dos quadrados massigos, que teem no seu fogo a mais temivel defeza] devemos dizer que nem por isso deve a infantaria fazer pouco caso da bayoneta, aliás ver-se-ha perdida, logo que a cavallaria tenha forçado o quadrado n'um ponto.

Afim de bem definir a questão da superioridade do fogo ou das armas brancas para rechaçar a cavallaria será necessario conhecer as antecedencias do regimento que accommette. Se por exemplo esse regimento alcançou vantagem antes d'isso contra infan-

taria que atirasse mal ou a demasiada distancia, ha de desprezar o fogo, e este desprezo que tradicionalmente se communica dos cavalleiros velhos aos novos se converterá em crença, e estimulará a cavallaria a executar nobres feitos d'armas. Tal é a historia das primeiras campanhas da revolução franceza; n'esse tempo a cavallaria alemaã carregava a infantaria inimiga sem hesitar, e sem o concurso da artilharia montada. A campanha de 1796 deve ser considerada como uma epocha de mudança. A infantaria franceza começa a dar provas de mais disciplina tactica, dispõe-se melhor para a defeza, e dá lições á cavallaria alemaã, que esta aproveitou aperfeigoando a sua instrucção tactica, e estudando melhor o socorro que podia prestar-lhe a artilharia montada; por outro lado a infantaria hombreado sempre com ella em taes progressos, começou desde então a tirar maior proveito das suas armas de ponta, e conseguiu atacar e desbaratar com armas brancas a cavallaria que lhe entrára os quadrados. Todavia, a infantaria teve menos precisão, nesta conjunctura de pericia, na esgrima da bayoneta, do que da convicção de que póde ainda resistir quando já se não vale do fogo.

Ora, se acaso um regimento de cavallaria depois de ter effectuado uma carga, encontrar essa vigorosa resistencia, que fica dicta, talvez succeda que para o futuro mostre particular repugnancia em entrar um quadrado, e conceba maior medo das armas brancas da infantaria do que das da cavallaria. O fogo da infantaria obra em primeiro lugar; a bayoneta serve na segunda instancia, e ambos estes meios de defeza devem ser empregados em occasião opportuna.

O problema mais difficultoso para a cavallaria no ataque d'um quadrado, é o de chegar ás bayonetas com a menor perda possivel. Querem uns que se ataque por um angulo, outros por um lado, alguns por muitos lados.

O ataque por um angulo funda-se em serem os angulos os pontos mais fracos do quadrado, quando não são flanqueados por outros quadrados. Na França não seguem esta opinião, e o novo regulamento do exercicio da infantaria, exige que ella apresente os angulos dos seus quadrados á cavallaria inimiga. Contentar-nos-hemos com fazer observar, que sendo a infantaria inimiga bem exercitada, os esquadrões que a investirem por um angulo hão de soffrer o fogo obliquo de duas fileiras, e quando depois se retirarem pelos flancos, receberão ainda em cima o fogo d'um dos lados do quadrado. Porém se a infantaria fôr bissonha tanto deixará de resistir ao ataque feito por um angulo como por um lado.

O ataque por um lado tem a vantagem de não expôr a cavallaria ao fogo dos outros lados, ainda quando tenha de retirar-se pela esquerda ou pela direita; todavia é de presumir que o lado atacado opporá muito maior resistencia, por isso mesmo que os outros tres lados ficarão inteiramente intactos; porém essa maior resistencia dependerá de uma causa moral.

O ataque por muitos lados expõe a cavallaria a toda a acção do fogo, e por consequente ás maiores perdas. A unica bondade que tem consiste em aturdir e desordenar mais o inimigo. Além de multiplicar os estragos do fogo, um ataque simultaneo por muitos lados envolve igualmente o gravissimo inconveniente de augmentar a confusão tão difficil de remediar nos escalões repellidos, porque dentro de alguns minutos entra a debandar toda a cavallaria empregada contra o quadrado, e não póde ouvir as vozes dos commandantes. Se a infantaria não perder a firmeza nesta occasião, é provavel que empregue todos os seus tiros.

O ataque por um lado parece portanto merecer a

preferencia; em todos os casos póde ser auxiliado com diversões, fazendo-se ao mesmo tempo ataques falsos contra os outros lados, com alguns voluntarios de conhecida intrepidez.

DO PEZADELO.

Não é tão vaga a significação da palavra *pezadelo* que comprehenda toda a casta de sonhos molestos, pois designa com especialidade o estado em que o homem a dormir julga ameaça-lo um perigo sobranceiro, e pensa que privado da faculdade de mover-se e do uso da voz, nem lhe é dado rebata-lo ou esquivar-se-lhe, nem pedir soccorro. Destas situações illusorias ha immensas variedades. Afigura-se a quem as soffre despenhar-se n'um abysmo, devora-lo um incendio, assaltarem-no assassinos, &c. Todavia, certa variedade generica desta especie de sonhos abominaveis dá uma idéa mais clara do que vulgarmente se entende por pesadelo, e vem a ser esse estado tormentoso em que o homem a sonhar sente um incommodo physico que o vexa, como por exemplo uma enorme carga ou um monstro, que de ordinario lhe pesa na boca do estomago, e ameaça esmagá-lo.

Depois de crueis angustias causadas por estes sonhos, seja qual for a sua natureza, os quaes muitas vezes teem ligação com padecimentos physicos reaes, acorda o homem afadigado; mas ainda isso não é bastante para que a medonha illusão se desvança, e cesse de atormentar os meninos, e as pessoas de imaginação desordenada. A frequencia do pesadelo é digna de attenção e cuidado, porque, mais de uma vez, é precursora, indício, e até origem de graves affecções de cerebro, como são os accidentes epilepticos ou hystericos, e a loucura.

A causa do pesadelo existe ás vezes dentro do proprio *sensorium*, outras vezes procede de influir no cerebro o padecimento d'algum outro orgão mais ou menos remoto. Entre as causas cerebraes devem-se enumerar os contos pavorosos de que a infancia é tão ávida, e nas outras edades as narrações ou quadros phantasticos tenebrosos, as commoções terriveis ou que consternam demasiadamente, e as vigílias muito amiudadas e diurnas. O pesadelo *sympathico* póde provir d'um estado particular do coração, do pulmão, do estomago [que é o caso mais commum], do figado, &c. É por isso que padecem mais vezes este mal os aneurismaticos, os astmaticos, os que se deitam com o estomago muito cheio, e dormem com a cabeça baixa, em cima do cotovelo, sobre o lado esquerdo ou horizontalmente.

Todas as pessoas que teem repetidas vezes sonhos maus, ou pesadelos, interessam em investigar-lhes as causas, com as quaes muitas vezes é possível atinar. Por exemplo, quando se observar em que circumstancias sobrevem uma tão desagradavel interrupção de somno, e se notar repetição de coincidencias, podem conceber-se fundadas esperanças de que se evitarão taes incommodos, com a remoção das causas que parecem origina-los. Convém entretanto, antes de conhecida a verdadeira causa, — fugir sempre de quanto possa commover a sensibilidade e a imaginação d'um modo medonho ou triste, e conciliar o somno por meio de conversações ou leituras divertidas; — não comer muito ou muito tarde, principalmente alimentos indigestos; — deitar-se sobre o lado direito, com a cabeceira alta, e os pés quentes, posição que é recommendada por considerações anatomicas e physiologicas; — e conservar o ventre desembaraçado, quer mediante o uso de comidas humidas, laxantes, &c., quer por meio de clysteis, Con-

virá, sempre que seja possível, fazer por acordar, quando a respiração tolhida, a expressão de anciedade no rosto, e o suor do corpo annunciarem que o pesadelo se declara ou existe.

Foramos naturalmente conduzidos a fallar nos sonhos em geral, phenomenos pasmosos, que tantas vezes teem chamado a attenção dos medicos e dos philosophos, porém como essas considerações mui longe nos levariam, accrescentaremos uma unica observação ao que deixámos dicto. Todos os dias ouvimos pessoas maravilharem-se de que seja possível andar e fallar sonhando. Quem reflectir na facilidade e presteza com que a vontade produz os movimentos no estado de vigília, com razão se admirará de não serem todos os homens somnambulos, e somnilocos. E com effeito não deve causar espanto que a vontade, que mostra em alguns sonhos um poder tão forte o perca todo ante a inercia d'essa materia, que move tão facil e velozmente, no homem desperto! Qual é pois a causa, que veio roubar ao imperio d'alma orgãos creados para lhe obedecer com tal docilidade?

COSTUMES TURCOS.

TEEM os turcos a maior repugnancia em matar os bufalos, e só em uma unica circumstancia lhe comem a carne, e vem a ser: quando a prenhez d'alguma mulher excede os nove mezes, cose a parteira em leite um pedaço de carne de um bufalo ainda tenro, e dá-o á doente, que infallivelmente, segundo dizem, se vê dias depois livre de perigo. Desvelam-se os turcos em enfeitar este animal bravio e informe. O pelo do bufalo é negro, á excepção d'uma porção d'elle branco que tem entre os cornos, a qual os turcos lhe pintam de diversas cores, mas ordinariamente de vermelho com um pó de que usam para tingir as proprias unhas; além d'isso enrolam-lhe nos chavezinhos um collar de contas brancas, chamado *bonchuk*, não só para lhe servir de ornato, mas tambem para o livrar do mal de olhado.

Os turcos teem muita fé n'uma virtude particular da cor azul, porque creem que esta cor destroe os effeitos do sortilegio. Esta idéa foi seguida pelas nações de todas as edades: os romanos, os gregos, os judeus, e os christãos antigos a tiveram como cousa certa; porém parece que fez maior impressão nos turcos do que em outro qualquer povo. “Encontrámos, diz certo viajante, um homem, com uma cabaça pendurada ao pescoco, e um páu na mão: era o correio da posta. Levava a cabaça para se prover d'agua antes de se entranhar nos plainos onde a não ha, e o bastão servia-lhe para n'elle levar pregado um rosario de contas azues, a fim de livrar de todos os males aquelles de cuja correspondencia era o portador; de sorte que as cartas, quem as tinha escripto, e as pessoas a quem eram dirigidas, estavam debaixo da protecção deste amuleto.

Vendem-se em todas as lojas umas caixinhas de contas azues, do feitio de mãosinhas, que se compram para pendurar á roda da cabeça dos meninos. Até nas cousas inanimadas teem os turcos o maior cuidado: cobrem os mastros, a pôpa e proa das suas embarcações com grinaldas de amuletos, e pregam talismans de diversos feitios nas frontarias das suas casas, para que sobre elles cáia primeiro, e se anniquile a malignidade do quebranto. Esta superstição é tambem commum entre os rayas; os gregos, os armenios e os judeus, attribuem a morte dos seus filhos ás mesmas causas, e adoptam o mesmo preservativo.

Meio de conservar a agua nos toneis das embarca-

ções, e nas cisternas.—Um meio bem simples de conservar as aguas mui puras, quer nas viagens compridas, quer nas cisternas, consiste em junctar á agua tres arrateis de oxido negro de manganese em pó, e em mecher a mistura; a agua perde depois desta addicção todo o mau gosto, e póde conservar-se indefinidamente.

Os LOBISHOMENS.

ENCONTRA-SE nas obras de muitos medicos gregos, e entre as de outros, nas de Marcello Sida, que vivia no tempo de Adriano e Antonino a descripção d'uma extraordinaria enfermidade nervosa. Poremos aqui o retrato, que de tal molestia nos deixou Oribaso, medico do imperador Juliano. "Os que são atacados deste mal saem de suas casas alta noite, imitam em tudo os habitos do lobo, e vagam até o nascer do sol em torno das sepulturas. Facil é conhece-los; são pallidos, teem os olhos empannados, sumidos, e encovados, a lingua sequissima, falta-lhes a saliva na boca, e devora-os a sede: cobrem-lhes as pernas ulceras incuraveis, porque dão de noite frequentes quedas." Os medicos gregos chamaram a taes doentes lycanthrophos, e o vulgo, em o nosso paiz, os designa com o nome de lobishomens. Elles pullularam, na verdade, na idade media; e estes individuos, que uma extranha perversão das faculdades intellectuaes induzia a fugir para os logares ermos, a errar de noite, e muitas vezes até a andar com as mãos de rastos e a satisfazer horriveis appetites; estes individuos, que uma superstição não menos extravagante fazia crer sujeitos á influencia dos demonios, foram numerosos em certas epochas. Ha tempos em que se estabelece uma reacção entre as opiniões reinantes e certas alterações mentaes, e em que estas, quanto mais communs as julgam, mais se multiplicam. Os homens propensos á loucura ou já dominados de alguma mania, e que não ouviam fallar á roda de si senão nas transformações de entes humanos em animaes selvagens, caíam subitamente accommettidos do mal que reinava, e íam engrossar a turba d'esses desgraçados loucos, que se julgavam realmente convertidos em lobos. Um Léger, de Versailles, que recentemente fugiu para as selvas, onde viveu muitos mezes solitario, e por fim assassinou uma menina, e devorou parte do cadaver, padecia uma especie de alienação em tudo semelhante á d'aquelles a que nos tempos passados se dava o nome de lobishomens.

Formula d'um remedio contra as dores de garganta.—Este remedio, empregado por Mr. Brasson, em Vichy, com o mais feliz resultado, é o seguinte:

Tome-se:—Mel branco tres onças.

Nitro em pó duas oitavas.

Mistura-se o nitro com o mel, e da mistura enche-se uma colherinha de chá que se introduz na boca. Engole-se o liquido o mais de vagar que for possivel.

Esta receita ensinou-a a Mr. Brasson Mr. Lucas, que a recebeu da duqueza de Berri, a qual a trouxe da Alemanha, onde a tinha visto experimentar.

ETYMOLOGIA DE JULHO.

ESTE mez era o 5.^o do anno de Romulo, e chamava-se *Quirinalis*. Marco-Antonio publicou um decreto substituindo a esta denominação a de *Julius*, em honra de Julio-Cesar, reformador do Calendario, e que nascera a 12 deste mez.

O poeta Ausonio representa Julho debaixo do em-

blema de um homem nu, cujos membros crestou o sol, e cujos cabellos ruivos estão entresachados de espigas, tendo mettido no braço um cabaz de amoras.

Diz-se que em Roma, no dia das calendas de Julho, isto é, no primeiro do mez, é que começavam e acabavam todos os arrendamentos de casas.

Entre as antigas festividades, celebradas neste mez, são notaveis os jogos de Neptuno, os Apollinarios, os do Circo, e os Minervae. No dia 23 offerreia-se a Céres um sacrificio de vinho e mel, e depois matavam-se alguns cães ruivos, em honra da canicula, para affastar os calores violentos.

Annos
de
J. C.

SEMANARIO HISTORICO.

Julho 1

1420 — João Gonçalves Zarco descobre a ilha da Madeira. 2

1798 — Desembarque do exercito francez no Egypto, e tomada de Alexandria. 3

1516 — Elrei de Fez tendo cercado a nossa praça de Arzilla com 100:000 homens, é obrigado a levantar o sitio.

1778 — Fallece J. Jacques Rousseau em Ermenonville, trinta e quatro dias depois de Voltaire. 4

1336 — Morte da rainha S. Isabel, mulher d'elrei D. Diniz.

1776 — A' vista do relatorio de Thomaz Jefferson, John Adams, Benjamin Franklin, Roger Sherman e Philippe Livingson, as treze colonias, ou provincias inglezas da America, quebram os laços que as prendiam á coroa britannica, e declaram-se independentes e livres, tomando o titulo dos *Treze Estados-Unidos da America*. 5

1811 — O congresso geral de Caraccas debaixo dos auspicios de Miranda, separa-se da corte de Hespanha, e fórma a republica federativa de Venezuela. 6

1809 — Batalha de Wagram, ganhada aos austriacos por Napoleão. 7

1664 — Batalha de Castello-Rodrigo. O duque de Ossuna entrara em Portugal com 4:000 infantas, 700 cavallos, e 9 peças de artilharia, e posera cerco a Castello-Rodrigo. Reduzida a praça, que se achava desprovida, e só com 150 homens de guarnição, a grande aperto, acudiu então o general Pedro Jacques de Magalhães com 2:500 infantas, 500 cavallos, e 2 peças de artilharia; e accommettendo inesperadamente o campo inimigo fez nelle grande destruição, ficando prisioneiros ou mortos quasi todos os soldados castelhanos, e escapando o duque de Ossuna disfarçado em trajo differente do seu.

1815 — Os exercitos combinados entram em París, derrotado a final Napoleão, e a dinastia dos Bourbons é restituída ao throno da França.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.